

# Ensaio, interface e compreensão: uma proposta metodológica sobre a compreensão como método, a interface como ferramenta e o ensaio como modo de exposição<sup>1</sup>



*Carlos Roberto da Costa*

*Doutor em Ciências da Comunicação pela  
Universidade de São Paulo (USP)  
Diretor e docente da Faculdade Casper Líbero  
E-mail: ccosta@casperlibero.edu.br*

*José Geraldo de Oliveira*

*Mestre em Comunicação pela  
Faculdade Casper Líbero  
Doutorando em Comunicação pela  
Universitat Autònoma de Barcelona (UAB)  
E-mail: zooliveira@uol.com.br*

**Resumo:** Este texto se propõe, dialogando com autores como Josep M. Català, Carlos Scolari, Steven Johnson, entre outros, ligados ao estudo da interface (uma dobradiça que permite criar ligações e abrir novas portas), reforçar a importância do ensaio como um caminho mais livre e solto para novas investigações e compreensão de fenômenos. Por sua natureza maleável e capacidade de estabelecer relações entre elementos distintos, o ensaio se destaca como uma forma equivalente à própria textura da realidade que se quer investigar.

**Palavras-chave:** Ensaio, interface, compreensão, comunicação, método.

*Ensayo, interfaz y comprensión: una propuesta metodológica de la comprensión como método, la interfaz como herramienta y el ensayo como escritura*

**Resumen:** Este artículo busca revigorar, entretejiendo ideas de autores como Josep M. Català, Carlos Scolari, Steven Johnson, entre otros ligados al estudio de la interfaz, la importancia del ensayo como un camino no hierático de nuevas búsquedas y comprensión del real. El ensayo, por su naturaleza dúctil y capacidad de establecer relaciones entre elementos diversos, se presenta como una forma equivalente a la propia textura de la realidad que se busca investigar.

**Palabras clave:** Ensayo, interfaz, comprensión, comunicación, método.

*Essay, interface and comprehension: a methodological proposal on comprehension as a method, interface as a tool and essay as an exposition strategy*

**Abstract:** By interweaving ideas of authors like Jose M. Català, Carlos Scolari, Steven Johnson, among others linked to the study of the interface, this paper aims to reinforce the importance of the essay as a nonhieratic way for new searches. The essay, due to its ductile nature and ability to establish relationships between various elements, stands as an equivalent structure of the reality it seeks to investigate.

**Keywords:** Essay, interface, understanding, communication, methodology.

Escribir un ensayo es una tarea parecida a levantar un edificio sin recurrir a los planos de un arquitecto. Puede considerarse un milagro que la construcción final se tenga en pie, pero, cuando esto sucede, el resultado puede llegar a ser mucho más interesante que la obra culminada siguiendo las reglas y refugiándose en los cálculos establecidos.

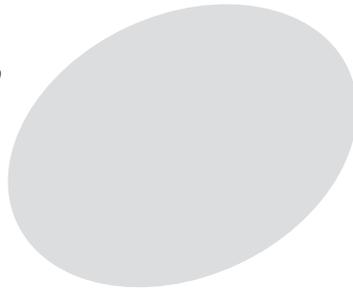
Josep M. Català,  
*El murmullo de las imágenes.*

Algumas questões surgem e impõem-se como se fossem novas. É algo parecido com o que acontece hoje com a retomada do formato ensaio. Todo mundo quer escrever ensaios, como se o tempo dos artigos tivesse

<sup>1</sup> Este trabalho foi inscrito e aceito para o XIII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic), sendo apresentado na Cidade do México em 5 de outubro de 2016 no GT 9, “Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación”.

envelhecido, ou como se esse fosse o figurino dos tempos da complexa fenomenologia contemporânea. Veremos que não se trata de algo novo. Mas indo direto ao ponto: o que é o ensaio? É um texto literário talvez curto, situado entre o poético e o didático, expondo ideias, críticas e reflexões sobre um determinado tópico. Menos formal e mais flexível do que os tratados ou teses acadêmicas, permite a exposição de um ponto de vista mais pessoal e menos objetivo (sem seguir todos os padrões da liturgia acadêmica) sobre os mais diferentes assuntos.

*Com uma tradição que remonta a Montaigne, o ensaio assume relevância por ser o modo de exposição mais adequado para a complexa fenomenologia de hoje*



O parágrafo anterior é uma glosa ensaística de verbete apresentado pela Wikipedia, que acrescenta: “O ensaio assume a forma livre e aleatória, sem um estilo definido. Portanto, o filósofo espanhol Ortega y Gasset definiu-o como ‘ciência sem prova explícita’”.

Recorrendo a outro pensador, George Lukács, pode-se dizer que “é verdade que o ensaio busca a verdade: mas como Saul, que saiu para buscar os burros de seu pai e encontrou um reino, assim também o ensaísta que é verdadeiramente capaz de procurar a verdade chegará ao final de sua caminhada à meta não vislumbrada, a vida” (Lukács, 2015, p. 113).<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Essa história é contada na Bíblia (capítulo 9 do livro I de Samuel). Saul era um jovem de família humilde e as mulas do pai se extraviaram. Filho responsável e respeitoso, Samuel saiu em busca delas. Depois de muito procurar, não encontrou nenhuma – as mulas eram importantes, pois a família dependia delas para a sobrevivência. Ao encontrar o profeta Samuel, lhe conta a tragédia. Samuel lhe anuncia que foi escolhido por Deus para ser o rei de Israel. Ele perdeu o que buscava, mas encontrou o reino que jamais sonhara.

No artigo (ou seria ensaio?) “Desvio para o ensaio”, publicado no suplemento “Ilustríssima”, do jornal *Folha de S.Paulo*, em 28 de fevereiro de 2016 (p. 4-5), o professor de filosofia Pedro Duarte, da Pontifícia Universidade Católica do Rio, escreveu:

Como o nome diz, ensaio é ensaiar. Ele nunca fica definitivamente terminado, uma vez que já abdicou da pretensão de uma totalização perfeita de seu objeto. Não coloca a culpa ancestral pela perda do paraíso nem a esperança utópica de um futuro redimido. Ensaíar é experimentar. O ensaio é mais tateante que certo, mais investigativo que conclusivo, mais reflexivo do que determinante, mais sugestivo do que assertivo, mais experimental do que coercitivo. É um espaço para a dúvida curiosa que busca entender, sem saber bem como: sem confiar num eu subjetivo nem em uma disciplina objetiva.

Em linhas gerais, podemos dizer que a forma de ensaio, com uma longa tradição que remonta a Michel de Montaigne (1533-1592) – embora Lukács apresente Platão como ensaísta –, assume agora uma especial relevância ao mostrar-se como o modo de exposição mais adequado para a fenomenologia complexa contemporânea. Escreve o pensador Josep M. Català, um dos mais completos estudiosos da imagem hoje:

A ductilidade do ensaio, sua capacidade de estabelecer relações entre elementos diversos, sua abertura para o imaginário, sua intensidade expressiva etc., tudo faz do modo ensaio uma forma discursiva equivalente à própria textura da realidade que se quer estudar (Català, 2011, p. 11).

De outra parte, e é o próprio Català quem está por trás desses conceitos, a mesma tecnologia nos proporciona uma série de dispositivos que são equivalentes à forma do ensaio, demonstrando assim ainda mais a sua relevância. Em primeiro lugar,

temos o conceito de hipertexto, e depois o da interface.

A interface é o dispositivo visual, relacionado com o computador e a imagem digital, que plasma as funções da enunciação e da recepção mediante uma estrutura figurativa audiovisual de caráter versátil. No território da interface, o conceito de narrativa deu lugar ao “modo de exposição”, que corresponde por sua vez à “dispositivo” da retórica clássica. As estratégias da enunciação (modo de exposição) tornam-se, com a interface, estratégias de recepção, de modo que as tradicionais experiências do sujeito frente à obra na narrativa clássica, visualizam-se com a interface, convertendo-se em estruturas operacionais – numa espécie de retórica invertida. Esta fenomenologia baseia-se no desenvolvimento das formas tecnológicas, por isso, é necessário reconsiderar as funções da tecnologia, especialmente a relação entre tempo e movimento, as poéticas fotográficas e cinematográficas para compreender o funcionamento da forma interface (Català, 2011, p. 11).

A interface é o equivalente, no domínio da representação audiovisual, à forma ensaio no campo da escrita. E ambos abrem portas para a possibilidade de um “pensamento relacional”, do modo que expõe Gilbert Simondon<sup>3</sup> quando afirma que “toda realidade é relacional” (apud Català, 2011, p. 12). Por trás dessa conceituação assenta-se uma teoria da forma ensaio que pretende relacionar de um modo complexo as partes com o todo, assemelhando-se, assim, à abordagem do método complexo de Edgar Morin. Trata-se de estabelecer formações fluidas e, portanto, instáveis, que não podem deter-se no todo (a forma) ou em qualquer de suas partes (fluidez), pois se veem levadas a reestruturar constantemente estas relações e avançar para novas

<sup>3</sup> Por reunir notáveis conhecimentos das áreas de mecânica, eletrônica, hidráulica e termodinâmica, George Simondon (1924-1989) pôde imprimir um olhar ensaístico e multidisciplinar a suas observações.

configurações ou para a combinação com outras ideias surgidas de outros processos semelhantes. É um exemplo claro, ainda de acordo Català em suas “Notas sobre o método”, de um processo de reflexão sem fim – e que não por isso deixa de produzir resultados de forma permanente. Trata-se de certezas circunstanciais ligadas a um estado do conjunto num momento dado, e por isso mesmo conscientes de sua essência relacional.

Vale a pena, ainda, uma metáfora: a interface é como uma dobradiça. O dicionário Houaiss/UOL define dobradiça como “utensílio de metal constituído por duas chapas de tamanho semelhante, ligadas por um eixo cilíndrico que lhes permite abrirem-se e se fecharem”. A interface é uma ferramenta que permite conexões abrindo janelas ou portas para que o investigador siga em sua busca ensaística.

### ● Alice e o espelho: metáfora da investigação hoje

Vamos jogar que existe um modo de atravessar o espelho; Vamos imaginar que o vidro se torna suave como se fosse gaze, de forma que pudéssemos atravessá-lo.

Lewis Carroll, *Através do espelho*.

Naquela época, o mundo de espelhos e o mundo dos homens não estavam, como agora, comunicáveis. Eram, além disso, muito diferentes; não coincidiam nem os seres, nem as cores ou as formas. Ambos os reinos, o especular e o humano, viviam em paz, entrava-se e se saía pelos espelhos.

Jorge Luis Borges,  
*Manual de zoologia fantástica*.

Em 1986, quando Jorge Luis Borges expressa em seu ensaio “O sonho de Lewis Carroll” que “Alice sonha com o Rei Vermelho, que a está sonhando, e alguém a avisa que se o rei acordar ela se apagará como

uma vela, pois não é mais do que um sonho do rei que ela está sonhando. Os sonhos de Alice cruzam a linha do pesadelo”, ele talvez não tivesse consciência do que poderia representar a Alice, de Lewis Carroll, no mundo contemporâneo.

Charles Lutwidge Dodgson utiliza uma série de paradoxos estéticos e põe em jogo construções metafísicas e lógicas para criar personagens e sequências narrativas que dão coerência a um mundo de ficção. No caso, o “mundo de ficção” entendido metaforicamente como um mundo ensaístico de construção do conhecimento. Alice, ao percorrer as etapas daquele mundo, está construindo conhecimento, questionando até mesmo as leis físicas de um mundo normal. Todo o discurso sobre o outro lado do espelho propõe uma nova forma de pensar o paradigma do “real”. A lógica do conhecimento no espaço ensaístico (interfásico) é diferente e nós precisamos entendê-lo a partir de um novo paradigma. Nele, o imaginário é construído a partir do real – ou do que Borges chamou de “classe das coisas impossíveis”.

A interface está associada em um “espaço” de “coisas impossíveis”, ou em um “plano de imanência”. Uma vez que, nesse contexto, o “pensamento seria uma renúncia ao verdadeiro”, visto que “o verdadeiro é o que o pensamento cria” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 57). Assim, Carroll fundamenta a estrutura da realidade, uma vez que Alice parte de uma regra geral (existente em seu mundo), para entender a proposta da Rainha na construção de uma nova forma de “estado de pensamento”. Josep M. Català, em seu livro *La imagen interfaz* (2010), faz uma provocação de como decompor a essência do método científico, associando a ideia de Edgar Morin, de promover “a ciência da complexidade”, que estabeleça “um diagnóstico certo da situação global da ciência contemporânea, que está muito longe de otimismo ‘democrático’ que se instala no melhor dos mundos possíveis” (Català,

2010, p. 42). Tal como Alice em um bosque de reflexões especulares: quando alguém se confronta com a lógica de xadrez e das cartas de baralho é que se dá conta de que se trata de um conflito entre lógica e imaginação (Figura 1, na próxima página).

Somos levados em direção de um caminho de percepção da imagem como metáfora ao converter o literal em um sentido figurado, por meio de uma operação realista que supera “o mero valor mimético de formas” (Català, 2012, p. 37) e a imagem pode relacionar-se com o pensamento não porque “seja possível reduzi-la a uma forma de linguagem, mas porque tanto a linguagem em si como o mito atuam em áreas ativadas pelo visual” (Català, 2014, p. 24).

Na obra do fabulista inglês (Carroll, 2013), com ilustrações por John Tenniel, na medida em que Alice avança em sua caminhada, as construções lógicas e metafísicas se fundem e se tornam objetos de seu próprio reflexo. Isso não seria o reflexo de um modo de pensar? Não seria possível pensar que Alice entra em um espaço constituído pela ideia de interface, que nos coloca Català?

Alice diz: “Este deve ser o bosque [...] onde as coisas não têm nome. Qual será o meu nome quando eu nele entre?”. Essa é a pergunta que se coloca no mundo da visão especular, um mundo construído através do espelho de um jogo de linguagem que introduz a inversão, a repetição, o trava-línguas, a adivinhação, o anagrama e o acróstico, um espaço mental, “de estilo de pensamento e também de uma ética e estética do conhecimento” (Català, 2014a, p. 12). A aventura de Alice é a metáfora do investigador de hoje diante dos problemas que o paradigma contemporâneo não consegue entender. É uma boa oportunidade de reflexão para os estudiosos da academia em relação aos rígidos padrões, às regras e às liturgias da busca do conhecimento no âmbito universitário. É preciso abrir-se para o ensaio como metodologia do fazer acadêmico.

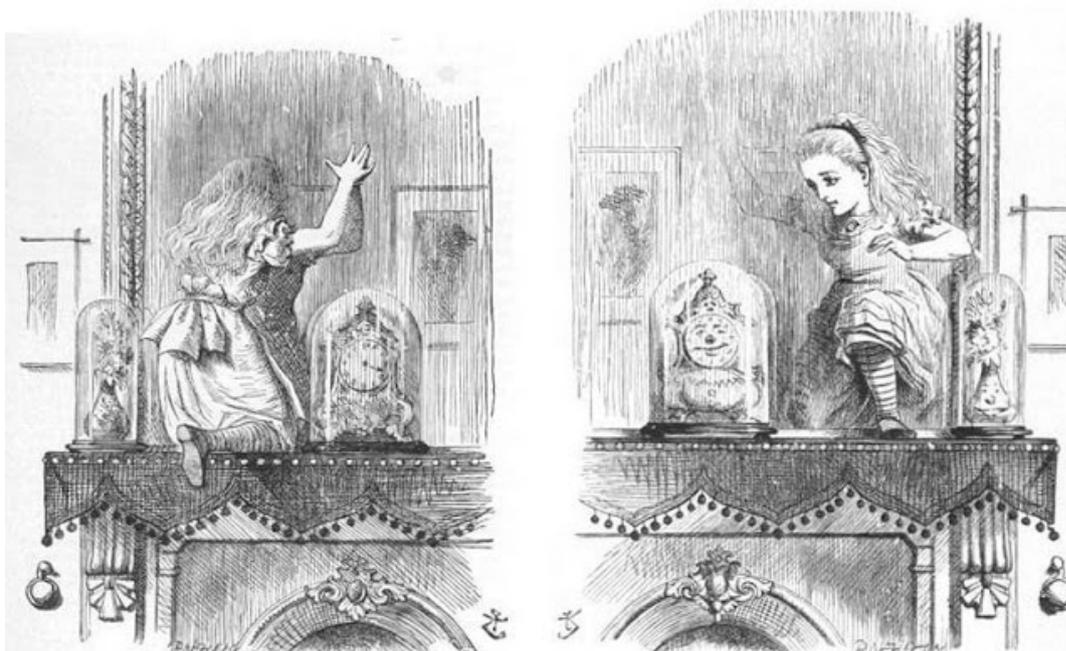


Figura 1 – *Alice através do espelho*. Ilustrações de John Tenniel (Carrol, 2013).

O universo criado por Lewis Carroll, nesse sentido, converte-se em um desafio para o nosso pensamento cartesiano, funcionalista e racional, por liberar a linguagem do peso dos significados lógicos, ditos “reais”, com suas referências estereotipadas. Pode-se associar esta proposta a um novo modo de pensar, em que metáforas nos convidam a novas

configurações de pensamento, desconstruem e reconstruem os modelos arraigados e constroem conhecimento por meio do modo da interface, uma vez que, quando agora falamos de sociedade do conhecimento, “não fazemos mais do que prolongar de forma perversa a ideia do século XIX segundo a qual ‘saber é poder’” (Català, 2010, p. 331).

Quando se trata de falar sobre algo tão difuso como o pensamento, costuma-se encaminhar a discussão ou para o conteúdo do pensar ou para a metodologia desse processo, ou seja, para as ideias ou para os sistemas filosóficos que as articulam (Català, 2014, p. 24).

Català também observa que poucas vezes se avança o suficiente para captar algo mais fundamental como é a “forma do pensamento”, ou a definição dos parâmetros essenciais por meio dos quais pensamos e estabelecemos a base objetiva para o pensar: não refletimos sobre “as ferramentas do próprio pensamento” – ou do “pensar em si”.

*A interface está relacionada com o “intervalo” que delimita uma região fronteira entre dois lugares: é como uma terra de ninguém. Ou terra de todos*



#### ● A casa do espelho e a interface

Autores como Carlos Alberto Scolari (2004), Lev Manovich (2006), Josep M. Català (2005, 2010) e Steven Johnson (2001), entre outros, já discorreram sobre o conceito de interface – e ele pode, de início, até parecer um neologismo da revolução digital do final do século XX. Outros, no entanto, argumentam que estamos falando de uma ferramenta ou “prótese” e “extensão” do corpo. Nesse sentido, o *mouse*, o teclado ou a tela do computador ou *smartphone* que formam parte da interface permitem a comunicação entre o usuário e o processador da máquina (ao mesmo tempo que se refere ao software ou dispositivo informático que permite a comunicação

entre o usuário e a máquina) e determinam as ações que podem ser executadas a partir do software.

Se considerarmos que a interface é uma abertura de comunicação entre um sistema e um usuário, entendendo a comunicação como um processo que gera um código comum para ativar o modelo de transmissão e, finalmente, que o sistema e o usuário se utilizam de duas linguagens diferentes, a interface tem de recorrer, inevitavelmente, à metáfora para poder traduzir a linguagem complexa do sistema de linguagem conhecido pelo usuário e gerar um código comum que permita a comunicação. A interface como uma área de comunicação se converte a si mesma em um dispositivo metafórico (Scolari, 2004).

Steven Johnson (2001) defende o papel cultural de interface do computador, assim como Lev Manovich em seu livro *A linguagem da nova mídia* (2006), quando afirma que a interface funciona como um “código cultural que leva mensagens em uma diversidade de meios de comunicação e ‘molda’ o jeito como o usuário vê o próprio computador em si, determinando o modo de pensar em qualquer ferramenta multimídia que se acessa por meio de computadores” (Manovich, 2006, p. 113) ou de dispositivos móveis.

Já Josep M. Català busca estudar o fenômeno mais além da ideia de um dispositivo tecnológico que utiliza software e modelos de interação, pois considera que este conceito tem o estatuto de um “modelo mental”. Como resultado, ele propõe, assim, uma nova forma de gerar o conhecimento a partir da articulação das complexas sutilezas que nosso tempo introduz no pensamento e eleva o conceito de interface para um “modelo mental antropológico que abriga dentro de si uma nova visão da comunicação humana” – tratando-se da existência de uma forma interface entendida como um “novo modo de exposição, ligado ao que podemos considerar um modelo mental antropológico-comunicativo” (Català, 2010, p. 13).

Neste sentido, é essencial compreender a interface como um conceito mais amplo do que um mero dispositivo de comunicação com a máquina. É um processo que introduz a “performance” do indivíduo em um “sistema”. É neste ponto que a interface, ao introduzir a individualidade e a ação do pesquisador, converte-se em um dispositivo tecno-imaginativo, visto que estabelece e se consolida como um espaço em que as relações aparecem no momento em que diferentes partes ativas confluem como um “modelo de conhecimento”. Isto se expressa como um modo de nos acercarmos da realidade, como forma de conhecer o nosso ambiente, assim como uma maneira de relacionar os diferentes campos do saber e organizá-los para compreender a complexa realidade que nos rodeia. Ao propor o “modo interface”, o professor Català coloca a comunicação de volta para o que é da essência humana: observar, pensar, refletir.

A interface é um dispositivo que, na medida em que interagimos, nos leva a mudar a plataforma, tornando possível passar para outro nível, como ocorre com os jogos de Alice. Isso nos leva a perceber que “o modelo de comunicação emissor/receptor” de uma mensagem não tem mais nenhum significado em nossa sociedade e que as ciências da comunicação exigem um espaço de relação que resulte da reunião destas diferentes partes. Um lugar de comunicação que não pertence a nenhum campo em particular, mas a todos em geral. A interface está relacionada com “o intervalo” que delimita uma região fronteira entre dois lugares: é como uma terra de ninguém. É uma terra de ninguém ou de todos, uma vez que para ali confluem os elementos que intervêm na produção de conhecimento. Esses elementos se materializam em um determinado “espaço visual-virtual com propriedades interativas” e propõem uma problemática muito mais complexa também a nível epistemológico, tecnológico, psicossocial, ético e estético. E a comunicação é transformada em uma ciência que é mais

epistemológica do que ontológica, ou seja, mais uma ciência do “como” do que uma ciência do “que”. A interface é, obviamente, uma técnica profundamente imaginativa. E o ensaio é a sua forma de expressão.

Neste complexo multidimensional dos fenômenos que se nos apresentam nos dias atuais, compostos por sucessivas e diferentes camadas, o pensamento interface com a forma ensaio, além de produzir conhecimento, resolve o problema da divisão entre a pesquisa teórica e empírica. O ensaio funciona dialeticamente como um modo de exposição, e constitui um mecanismo técnico para “falar”, mas não corresponde diretamente a um sistema de pensamento e não tem uma relação estrita com a tecnologia que dá suporte aos meios de comunicação. E sua fenomenologia (e o desenrolar das etapas) serve de padrão para explicar muitas outras formações que ocorrem para a produção, construção e desenvolvimento do pensamento que pressupõem o conhecimento humano. Nesta nova proposta, ocorre uma aproximação epistemológica de estruturas metafóricas e retóricas da rede, não-lineares, interativas, compostas por camadas sobrepostas semelhantes às ferramentas utilizadas para a comunicação.

Em seus já clássicos *La imagen compleja* (2005) e *La imagen interfaz* (2010), Josep M. Català apresenta reflexões de uma nova epistemologia que leva em consideração as hibridações, os fluxos e as interseções típicas da realidade contemporânea – e o aparecimento de formas de representações mais fluidas e interativas, questionando as certezas e a objetividade da ciência, ao mesmo tempo em que oferece um olhar para o sutil, o subjetivo e o fronteiro.

O nosso pensamento foi sempre adaptado para a existência de um ponto cego que o impedia de estar consciente de sua própria articulação, dos mecanismos limitados que o apoiavam. Mais que isso, seu funcionamento correto dependia desta cegueira, do desconhecimento dos próprios limites (Català, 2010, p. 326-327).

Tudo o que estamos repassando aqui – a proposta do ensaio, as intercessões do modo de interface, as contribuições da tecnologia, as formas de pensar e a complexidade dos fenômenos do nosso tempo – criam as bases de um pós-cartesianismo que ainda está por ser aprofundado. Onde está a ruptura? Agora não se trata de duvidar (a dúvida como método) para encontrar a verdade, pois é difícil pensar fora da verdade, mas de situar a dúvida como a força motriz de uma máquina hermenêutica que não tem fim.

Mas é importante, chegado a este ponto, propor um novo problema. Como se pode buscar uma nova ciência neste contexto ensaístico? A proposta desta antologia de pensares que o leitor tem em mão, “A compreensão como método: suas teorias e práticas”, abre uma entre muitas trilhas. A proposta, como se depreende de seu próprio título, aponta tanto para uma aproximação de natureza teórica como para uma abordagem prática. Mas estas duas orientações do pensar e do fazer humanos jamais deveriam ser percebidas ou elaboradas como patamares distanciados ou conflitantes, ainda que distintos em si. Uma postura cognitiva que levasse a semelhante separação entraria em forte oposição com a própria ideia do pensamento compreensivo – uma busca que tem como objetivo aproximar, juntar, colocar em diálogo visões inter ou multidisciplinares – o que uma antiga tradição do pensamento acadêmico e científico tentou manter em campos diferentes, quando não antagônicos. Como escreve o pesquisador Dimas Kunsch:

A compreensão prefere a noção ao conceito – sem negar o conceito em sua real fertilidade teórico-explicativa. Opta por uma razão aberta e fértil que vai de encontro ao racionalismo. Elege a multiperspectividade ou multiangulação no tratamento das questões. Em propondo tudo isso, a “visada compreensiva” identifica, sim, no modelo duro do pensamento científico moderno uma força e um esplendor talvez apenas comparáveis à força e à insensatez com que esse vitorioso modelo é capaz de

menosprezar, ignorar ou simplesmente negar tudo quanto ele mesmo é incapaz de submeter ao império do método-metro, da régua e do esquadro (Kunsch, 2009, p. 65).

A interface como compreensão metodológica, como uma ferramenta para pensar, e o ensaio como uma forma de exposição compõem o eixo triádico da busca do conhecimento. Talvez o correto não seria buscar uma nova ciência, mas pensar a ciência (os problemas contemporâneos de comunicação e do saber) a partir de uma perspectiva nova, ou, até mesmo, de uma nova forma de produzir e gerir o conhecimento. O “levantar o véu que encobriu esta textura especial da realidade contemporânea, mas não para descobrir, do outro lado, uma realidade alternativa, mas para comprovar que o mesmo tecido que oculta tem em seu reverso as formas de sua própria alternativa” (Català, 2010, p. 375).

Assim, o termo “complexo” passa a designar hoje uma compreensão do mundo como uma entidade onde tudo está entrelaçado, como em um tecido composto por finos fios.

### ● Não é um fim, é um ponto de partida

Tentar construir com a triangulação entre o ensaio, a interface e o método compreensivo algo abrangente como uma teoria da imaginação é tornar possíveis ferramentas para a compreensão da complexidade e do contemporâneo, reafirmando a essência da comunicação, uma vez que este pensamento desloca a ênfase do transmissor e a transfere para o receptor. Por entender que a ciência se move de um inconsciente paradigmático para uma ilusão empírica, como nos comportar frente à sentença final de Alice: “A quem você acha que você sonhou?”. Talvez a resposta deva surgir de um processo de superação da visualidade clássica, estabelecendo uma relação da tecnologia com o conhecimento e com o sujeito, em contraposição aos significados científicos ou racionais.

(artigo recebido mai.2016/aprovado ago.2016)

## Referências

---

- BORGES, Jorge Luis. El sueño de Lewis Carroll. **El País**, 9 fev. 1986. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/1986/02/09/opinion/508287605\\_850215.html](http://elpais.com/diario/1986/02/09/opinion/508287605_850215.html)>. Acesso em: 4 abr. 2016.
- CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no país das maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CATALÀ, Josep M. **La imagen compleja**. La fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2005.
- CATALÀ, Josep M. **La imagen interfaz**: representación audiovisual y conocimiento en la era de la complejidad. Bilbao: Universidad del País Vasco/Euskal Unibertsitatea, DL, 2010.
- CATALÀ, Josep M. Notas sobre el método. **Portal de la Comunicación InCom-UAB - Lecciones del portal**, 04/2011. Disponible en <<http://www.portalcomunicacion.com/lecciones.asp?aut=8>>. Acesso em: 4 abr. 2016.
- CATALÀ Josep M. **El murmullo de las imágenes**: imaginación, documental y silencio. Santander: Shangrila, 2012.
- CATALÀ Josep M. El cine y la hermenéutica del movimiento: retórica y tecnología. In: CATALÀ, J. (Org.). **El cine de pensamiento**: formas de la imaginación techno-estética. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona; Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I; Barcelona: Univesitat Pompeu Fabra; València: Publicacions de la Universitat de València, 2014, p. 21-66.
- CATALÀ, Josep M. **Estética del ensayo**: la forma ensayo, de Montaigne a Godard. València: Universitat de València, 2014a.
- DELEUZE, G.; F. GUATTARI. **¿Qué es Filosofía?** Barcelona: Anagrama, 1997.
- DUARTE, Pedro. Desvio para o ensaio. **Folha de S.Paulo**, 28 fev. 2016, Caderno Ilustríssima, p. 4-5.
- JOHNSON, Steven. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- KÜNSCH, Dimas A. Aquém, em e além do conceito: comunicação, epistemologia e compreensão. **Revista Famecos** n. 39, p. 63-69, ago. 2009.
- LUKÁCS, Georg. **Esencia y forma del ensayo**. Madrid: Sequitur, 2015.
- MANOVICH, Lev. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación**: la imagen en la era digital. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- SCOLARI, C. **Hacer clic**: hacia una sociosemiótica de las interacciones digitales. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

